

O cinema gaúcho pede passagem

Karine Moura Vieira

Aluna do Curso de Jornalismo da FAMECOS/PUCRS e bolsista pesquisadora da Profa. Flávia Seligman.

A palavra de ordem no cinema brasileiro é trabalho. E muito! A produção cinematográfica nacional que ontem era apenas uma incógnita vitimada por uma política cultural ausente hoje trilha o caminho da reestruturação. Passada a euforia do chamado “renascimento”, a questão que se apresenta é a definição do que realmente significa produzir cinema no Brasil. Tal discussão, no entanto, deve ser feita numa esfera regional e, por que não, observando o cinema gaúcho.

Pensando nisto que há um ano teve início o projeto de mapeamento da produção cinematográfica no Rio Grande do Sul, denominado *Produção Cinematográfica: um estudo da formação de mão-de-obra e sua colocação no mercado de trabalho em Porto Alegre*. A idéia nasceu da necessidade de olhar o cinema no Estado não mais como uma possibilidade que deu certo, mas sim como uma realidade extremamente promissora. Esta pesquisa é orientada pela cineasta e Profa. Me. Flávia Seligman, também coordenadora

do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da PUC.

O trabalho tem como base identificar a atual situação do mercado de trabalho centralizado basicamente em Porto Alegre a partir de parâmetros-chaves como a relação do Estado com o cinema; a formação de mão-de-obra técnica; a distribuição dos filmes; principais pontos analisados até o momento; produtoras e material técnico disponível.

O cinema gaúcho é considerado a terceira força produtiva no país, se firmando fora do tradicional eixo Rio-São Paulo. Nas três últimas décadas a produção de filmes no Estado, habilidosa no exercício de driblar as dificuldades, manteve-se ativa, procurando saciar seu desejo de fazer cinema. Desde 1996 é crescente a produção de curtas, médias e longas no Estado, como *Um Homem Sério*, curta em 35mm, de Dainara Toffoli e Diego de Godoy, premiado no Festival de Gramado do mesmo ano, o longa-metragem *Anahy de Las Misiones*, de Sérgio Silva, e mais recentemente, este ano, o curta *O Pulso*, de José Pedro Goulart.

Porém, com a retomada das produções, a situação do cinema gaúcho continua longe da estabilidade. No

que se refere à formação e funcionamento de um mercado audiovisual próprio e ativo, o caminho a ser percorrido ainda é bastante longo. A viabilização de uma estrutura autônoma de produção e comercialização de cinema no Estado precede basicamente de uma infra-estrutura sedimentada num maior contingente de mão-de-obra especializada, na ampliação dos incentivos privados ou estatais e na igual distribuição dos filmes no cinema. Até então, o que existirá é um mercado extremamente fragmentado, dependente de ações isoladas.

Com o cinema brasileiro egresso do buraco negro dos anos Collor, alguns incentivos estatais para produção de filmes de longa e curta-metragem surgiram como alento para que os cineastas pudessem tirar seus projetos da gaveta. No Rio Grande do Sul, os dois principais incentivos ao cinema provêm do Estado.

Há três anos a Prefeitura Municipal de Porto Alegre lançou o Fumproarte, um concurso que tem por objetivo viabilizar projetos nas áreas de cinema, literatura, música, teatro, fotografia e artes plásticas, através do financiamento de até 80% do custo de produção. Também procurando dar mais impulso à produção de filmes, o governo estadual, através da Secretaria de Cultura, promove o Concurso Anual de Curtas do Estado, no qual além de financiar uma parte do projeto empresta o equipamento que dispõe para realização. No entanto, ainda não são suficientes.

O cinema no Brasil carrega na bagagem a idéia do aprender fazendo. Das experimentações surgiram cineastas, diretores de fotografia, eletricitas, maquinistas e uma infinidade de profissionais que dentro de uma aprendizagem empírica, fizeram do cinema o seu ofício. Com a regulamentação da profissão de Artista e Técnico de Espetáculos de Diversões, de acordo com o Decreto Nº 82.385 de 5 de outubro de 1978, cerca de 70 atividades foram regulamentadas. De lá para cá, algumas das funções foram reavaliadas, sendo algumas extintas, reordenadas e novas atividades foram criadas.

Estas profissões por sua vez são bastante polivalentes, pois são extensivas à publicidade e à televisão, encampando desta forma todo mercado audiovisual.

A formação de profissionais especializados, no entanto, é bastante deficiente. No Rio Grande do Sul o ensino de cinema limita-se à área acadêmica e a cursos técnicos para pessoas que têm alguma experiência com a linguagem. O curso de Especialização em Produção Cinematográfica da PUC é a mais recente iniciativa neste sentido. Sua estrutura procura abranger todas as atividades desenvolvidas no processo de realização de um filme. No primeiro semestre deste ano a primeira turma de alunos produziu o curta-metragem em 16 mm *A Vida do Outro*. Dentre os investidores neste segmento está o SENAC, que está montando uma estrutura bastante diversificada de ensino, através da elaboração de cursos técnicos para cinema.

Outro ponto avaliado é a distribuição. Como se já não bastassem as dificuldades em se produzir um filme, os realizadores têm de enfrentar as restrições do mercado exibidor. Os motivos para esta resistência, segundo os produtores, está no monopólio das distribuidoras, que não abrem espaço para o cinema local. As distribuidoras e os donos de cinema, por sua vez, afirmam ser o cinema nacional um mal negócio, pois o público não vai às salas. Onde está a verdade, então?

A situação é ainda mais difícil quando se trata do curta. Pensando nisto foi criado o Projeto Curta nas Telas. Este convênio pioneiro criado pela Secretaria Municipal de Porto Alegre, a Associação Profissional dos Técnicos Cinematográficos do RS em conjunto com o Sindicato dos Exibidores e a Câmara de Vereadores de POA, é um programa de distribuição comercial do curta-metragem. Esta iniciativa inovadora traz uma pequena luz para que os novos cineastas possam mostrar seu trabalho ao público.

Hoje o cinema brasileiro está adquirindo uma maturidade ímpar, pois compreende a urgência de se formar um mercado local, preservando o valor da nossa identidade cultural. Talvez este seja o grande momento do cinema nacional e do cinema gaúcho. Quem sabe? É esperar e trabalhar para o amanhã, e ver o que nos reserva a próxima cena .